

DEPOIMENTOS DAS ESTAGIÁRIAS E DOS BOLSISTAS
PROJETO 90 ANOS FFLCH

Nome: Eric Vargens Rinaldi

Idade: 22 anos

3º ano de Ciências Sociais

Sou o Eric Vargens Rinaldi, de 22 anos, estudante do 3º ano do curso de graduação em Ciências Sociais (6º semestre), e em um registro bastante geral, pretendo expor uma pequena parte da minha experiência com a história institucional da Universidade de São Paulo. Eu vou dar ênfase à pesquisa documental e destacar distinções que me parecem pertinentes depois de ter tomado conhecimento de eventos relacionados à memória da universidade.

Por um lado, os contatos com a história da universidade são, por vezes, desafiadores em vista de eventuais contraditoriedades entre informações e da aparente carência de material institucional publicado acerca do período posterior à vigência da reforma universitária na USP (1970 - atual) quando comparada ao período anterior (1934 - 1969/70). Por um outro lado, as diferenças quanto aos arranjos institucionais e ideais de “formação” entre a FFCL e a FFLCH são particularmente intrigantes, embora igualmente desafiadoras. A configuração institucional da FFCL, apoiada no Sistema de Cátedras, a sua concepção de veio “humanista” e os sentidos atribuídos à ocupação e às disputas pelos espaços físicos historicizam as ideias de “formação” e de “universidade”, que anteriormente me foram apresentadas como dadas. Esses aspectos da história e memória institucional, ainda que não sem gerar algum estranhamento, fizeram com que eu me colocasse no momento histórico da universidade e formasse certos juízos sobre ela, desde a convivência na Cidade Universitária até a organização do meu próprio curso. Com que eu valorizasse as tentativas de congregação das áreas do conhecimento na FFCL, mas que também comemorasse o aumento do pluralismo temático nos departamentos da FFLCH.

Nome: Thamires Rodrigues Badu

Idade: 22 anos

3º ano de Ciências Sociais

Me chamo Thamires Rodrigues Badu, tenho 22 anos e sou estudante de Ciências Sociais. Atualmente estou no meu terceiro ano da graduação, cursando o sexto semestre do

curso. Minha experiência dentro do projeto possibilitou que eu percebesse esse espaço que ocupo há três anos de um modo diferente. Estar em contato com a história da Universidade me faz

pensar a minha vivência dentro desse ambiente de um modo completamente distinto.

Ao longo desses meses, pude ler e entender melhor sobre a significância da Universidade de São Paulo na história de outras pessoas, em especial da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Pude ter acesso a diferentes documentos e perspectivas, desde as institucionais às mais pessoais, sendo as últimas as minhas preferidas.

Estar em contato com as memórias de outras pessoas é ser transportado para seus momentos marcantes e por vezes especiais, é enxergar na história do outro o que fica desses momentos que se passaram. E isso me faz pensar sobre os momentos que vivi e tenho vivido dentro da faculdade e que foram possíveis graças a esse ambiente.

Além disso, foi mais do que marcante para mim entender melhor o papel e o significado dessa instituição em momentos tão difíceis como a Ditadura Militar. O sentimento de medo e incerteza de estudantes, professores e funcionários, a força e resistência do movimento estudantil, são aspectos que chamam e prendem minha atenção. Me sinto orgulhosa sobre os que vieram antes de mim e que lutaram e se esforçaram para que esse ambiente pudesse ser o que é hoje.

Desse modo, avalio que esse contato tem sido de muita importância para rever e pensar a minha vivência dentro da Universidade. Sobre a forma como lido com ela e as experiências que venho construindo a partir das oportunidades que surgem nesse caminho, pois a Universidade também é construída pelas narrativas de seus atores, e eu faço parte da história que está sendo construída.

Nome: Natália

3º ano de Ciências Sociais

Eu me chamo Natália, tenho vinte e quatro anos e estou cursando o sexto semestre de graduação do curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Neste ano de 2023, eu tive a oportunidade de ingressar como bolsista no projeto de extensão universitária, intitulado 90 anos da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP: difusão e comunicação sobre nove décadas de história e memória, coordenado pelos docentes Ana Paula Megiani e Abílio Tavares.

Ao meu ver, tem sido uma experiência enriquecedora em vários aspectos, porque se trata, decididamente, de um projeto que vem alargando o meu ponto de vista acerca do processo de constituição histórica e política da Universidade de São Paulo e da FFLCH, conhecida até o limiar dos anos 1960 como FFCL. Nesse sentido, importa lembrar que entrar em contato com certas fontes primárias e secundárias produzidas em momentos variados da história da Universidade tem nos permitido identificar e reconhecer a força decisiva de determinadas variáveis políticas, geográficas, sociais e de agentes da elite paulista no processo de criação da USP e da FFCL, ainda que depois o próprio caminhar histórico da instituição seguisse mais ou menos de maneira autônoma em relação à concepção inicial atribuída à ela pelos seus membros fundadores. E isso é algo que uma parte dos estudantes conhece muito pouco ou apenas de maneira vaga, mas ao investigar o processo de formação da Universidade, cotejando passado e presente, há todo um campo de complexidade que se abre para nós e nos convida à reflexão sobre o nosso lugar nessa história, mas também evita-se o risco de reproduzir posições ingênuas e até mesmo imprecisas. Então, há uma grande vantagem em participar de um projeto como esse que é a de se posicionar de maneira mais clara e autônoma em relação às narrativas compartilhadas sobre a USP, mas também de perceber as estruturas de longo prazo que a atravessa e as possibilidades de mudança disponíveis em relação aos desafios que a instituição coloca.

Nome: Manuela Bergamin Neves

Idade: 26 anos

4º ano de História

Entrar em contato com a história de nossa faculdade está sendo um processo muito interessante e enriquecedor porque, me soa uma história nova, cheia de nuances e reviravoltas, que eu ainda não conhecia tão afundo. Circulando pela Usp, já tinha ouvido falar da missão francesa, do conflito da Maria Antônia e da maneira, de certa forma, improvisada com que os cursos de letras, filosofia e ciências sociais se instalaram no campus da Cidade Universitária. Mas mesmo essas parcelas do passado que me atingiam, eram organizadas de formas dispersas e fragmentadas na minha cabeça. Em algum lugar, sentia falta de uma memória mais estruturada, capaz de criar um vínculo entre os estudantes e que atribuísse uma importância àquele lugar que ultrapassasse o presente que vivemos.

Julgo que conhecer a história dos espaços os torna mais relevantes. No caso particular de nossa faculdade, entendo que conhecer a sua trajetória - não só a institucional, mas também a humana, levando em conta as pessoas que por lá passaram e contribuíram para formá-la - nos leva a desnaturalizar-la, como se ela fosse um lugar que sempre esteve lá, e que portanto, irá perdurar dessa forma para sempre. Conhecer o seu passado é localizá-la no tempo e perceber que sua trajetória foi fruto de uma série de disputas, acomodações e consensos, que não são novos ou limitados àqueles que enfrentamos hoje. Assim, entendo que de alguma forma, a difusão dessa memória pode também vir a ser a difusão de um sentimento de importância e de zelo por ela.

Saber que cursos tão diferentes, como a psicologia, a botânica, a física e muitos outros, tiveram uma origem comum conosco, também me faz pensar nas conexões possíveis entre eles. Penso como esse contato tão próximo entre alunos de áreas hoje tão separadas, devia ser enriquecedor para todos os campos. Também penso que a proximidade da faculdade com o centro da cidade, como foi o caso do prédio da Maria Antonia ou do Palacete da Glette, deve ter proporcionado uma experiência completamente diferente para os estudantes da que temos hoje, na Cidade Universitária. O contato com a cidade permite a difusão de um espírito universitário que se estende para além das salas de aula, possibilitando um convívio em espaços como restaurantes, bares, cinemas e museus, etc, que deve ter sido muito enriquecedor para a formação daquelas pessoas.

Enfim, o contato com essa história tem me deixado muito pensativa. Entendo a oportunidade de compor essa equipe como um momento de enriquecimento para a minha formação e fico muito contente em estar contribuindo para a investigação e difusão dessa memória.

Nome: Ana Paula Loberto Araújo

Idade: 22 anos

4º ano de História

Meu nome é Ana Paula Loberto Araújo, tenho 22 anos, curso bacharelado e licenciatura em História e atualmente realizo estágio no projeto de 90 anos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).

Essa experiência tem sido, para mim, muito fascinante. Entrar em contato com a história da Faculdade, e também da Universidade, me proporciona reflexões acerca da minha própria experiência universitária. Por vezes, lendo os testemunhos de quando a Faculdade

estava intimamente conectada com os caminhos e percursos diversos da cidade de São Paulo, tenho vontade de ser transportada para aquele tempo e de ter aquelas vivências que se apresentam para nós com uma nostalgia contagiante. Como eu gostaria de experienciar estar entre as cadeiras das salas de aula da Glete, da Maria Antônia ou do Caetano de Campos, de ter conhecido aqueles professores, assistentes e funcionários ilustres, determinados, marcantes...Lendo essas memórias, pego emprestado os sentidos atribuídos a esses espaços e tento enxergar no espaço que compartilho hoje, com tantos outros estudantes da Universidade, quanto desses sentidos permanecem e quantos outros significados foram e podem ser construídos.